

# Deleuze & a Educação

GALLO, Silvio. Deleuze & a Educação. Coleção pensadores & educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 118p.



**Elenise Cristina Pires de Andrade**

Doutoranda em Educação na FE/UNICAMP

nisebara@uol.com.br

(...) o roubo é criativo, pois sempre transformamos aquilo de que nos apropriamos. (Gallo, p. 11)

Na primeira parte do livro, intitulada “Gilles Deleuze uma vida”, Silvio Gallo nos apresenta a trajetória do filósofo francês pelas idéias, lugares, pensamentos, conhecimentos, amigos, aulas, parcerias principalmente com Felix Guattari, obras e nos aponta Deleuze por ele mesmo (p.17): “(...) *É muito agradável não ter opinião nem idéia sobre tal ou qual assunto. Não sofremos de falta de comunicação, mas ao contrário, sofremos com todas as forças que nos obrigam a nos exprimir quando não temos grande coisa a dizer*”. (Deleuze, 1992, p.171-172).

Obrigação que parece não existir no caso do próprio filósofo francês, como podemos observar na segunda parte do livro: “Deleuze e a filosofia”. Silvio Gallo nos apresenta, brevemente, o estruturado cenário filosófico francês e a passada de um furacão pelas terras de Asterix Friedrich Nietzsche. Deleuze, Derrida, Foucault, Lyotard, entre outros, são revoltos e revolvem-se com as idéias do filósofo alemão que os apresenta uma “nova” forma de fazer filosofia: criar e não apenas reproduzir. “(...) *A história da filosofia deve, não redizer o que disse um filósofo, mas dizer o que ele necessariamente subentendia, o que ele não dizia e que, no entanto, está presente naquilo que diz*”, (Deleuze, 1992, p.169-170).

Criação e multiplicidades são duas palavras-idéias que nos acompanham pela filosofia de Deleuze, nos avisa Silvio Gallo, além de negar a dialética, rejeitar as mediações e apostar em um conceito chave a **criação de conceitos** (p.41). Julgo ser fundamental esclarecer que o conceito da filosofia deleuziana e sua pedagogia nada têm em comum com o que comumente denominamos conceito, uma idéia, um conhecimento pronto e acabado, a realização e apresentação de uma fração de mundo. Para Deleuze, “(...) *O conceito é um catalisador, um fermento, que há um só tempo faz multiplicar e crescer as possibilidades de pensamento. Por isso cabe a ele ser interessante, mas não necessariamente verdadeiro*”. (p.58). Nem verdadeiro nem compreendido, mas operativo para nosso pensamento.

“Não tenho, pois, a pretensão de colocar na boca de Deleuze coisas que ele não disse, nem de colocar em seus textos coisas que ele não escreveu. O que pretendo desenvolver aqui é uma demonstração da fecundidade do pensamento de Deleuze para nos fazer pensar a educação, para nos permitir pensar, de novo, a educação”. (Gallo, p.63)

Criar com/no pensamento da educação. Aceitemos o convite da segunda parte da obra: “Deslocamentos: Deleuze e a Educação”, na qual o autor nos explicita a sua escolha pela operação dos deslocamentos desterritorializar conceitos de Deleuze e de Deleuze & Guattari para reterritorializá-los no campo da educação. Assim, Gallo nos propõe quatro deslocamentos. Vamos a eles. Ou seriam eles a se aproximarem sorrateiramente de nós?

Primeiro deslocamento: pensar a filosofia da educação na perspectiva da filosofia de Deleuze & Guattari, ou seja, reverter a posição de que essa filosofia ficasse estaticamente situada como fundamento da educação, pois assim tenderia a ter somente a função de buscar conceitos já prontos, produzidos ao longo da história. Silvio Gallo desloca-se e propõe a multiplicidade da criação de novos conceitos. “(...) *Uma filosofia da educação, nesta perspectiva, seria resultado de uma dupla instauração, de um duplo corte: o rasgo no caos operado pela filosofia e o rasgo no caos operado pela educação*” (p.68).

Segundo deslocamento: pensar uma educação menor a partir do conceito de literatura menor proposto por Deleuze & Guattari ao analisarem a obra de Kafka. Tal educação menor seria a forma como o professor militante, em oposição ao professor profeta, buscaria um devir-Deleuze na educação. Silvio Gallo busca em Antonio Negri (2001) as noções de profeta e militante. O primeiro faria o papel de legislador, anunciador individual das possibilidades de um novo mundo a partir de críticas do presente. Já aos militantes estaria reservado a produção cotidiana do presente para possibilitar o futuro. Nesta dança deslocada, Gallo aposta não no professor profeta, aquele que praticaria a educação maior das políticas públicas, dos parâmetros e das diretrizes curriculares mas no professor militante, que procura viver as situações da sala de aula e, de dentro desta miséria, produzir possibilidades do novo em uma construção coletiva.

Para nos apresentar o terceiro deslocamento, Gallo preocupa-se com a excessiva organização curricular que considera as disciplinas como realidades estanques, sem conexão. Reconhece a interdisciplinaridade como alternativa, mas identifica a existência de limites que, segundo o autor, caracterizar-se-iam como um problema epistemológico, pois mesmo um currículo que se pretenda interdisciplinar ainda carrega as estruturações de horizontalidade e/ou verticalidade do conhecimento. Partindo dessa preocupação, Silvio Gallo apresenta rizoma e educação como possibilidade a essa estruturação hierárquica do pensamento e do conhecimento que os autores franceses conectaram a estrutura arbórea.

Acompanhando a noção de rizoma proposto por Deleuze & Guattari na introdução de Mil Platôs, o autor apresenta a transversalidade como uma alternativa a interdisciplinaridade, pois romperia com a hierarquia da estrutura arbórea propondo novos movimentos por entre as lateralidades do rizoma “(...) *A transversalidade rizomática, (...) aponta para o reconhecimento da pulverização, da multiplicização, para a atenção às diferenças e à diferenciação*” (Gallo, p.97).

No último deslocamento educação e controle Silvio Gallo se vale de idéias de Deleuze apresentadas em um breve e brilhante texto onde o filósofo francês, a partir da caracterização de Michel Foucault sobre as sociedades disciplinares, identifica as sociedades de controle, substitutas daquelas. Gilles Deleuze aponta que estaríamos vivenciando, nas atuais sociedades de controle, os sistemas abertos (empresas; instituições de formação permanente que transcendem a escola; avaliação contínua ao invés do exame único), que nos proporcionariam uma ilusória autonomia, posto que os mecanismos de controle, por seres/estarem em aberto, constituir-se-iam mais fluídos, menos visíveis, aparentemente menos sensíveis “(...) *Na medida em que o controle escapa das instituições e é feito fora delas, ele se torna mais tênue, mais fluído, mas mesmo por isso mais poderoso, uma vez que se infiltra melhor e mais sorrateiramente por todas as frestas*”. (Gallo, p.108).

Termino essa resenha explicitando minha admiração e comprometimento com esses deslocamentos que buscam e permitem na/com a abdicação de um discurso do poder na educação, proliferar o pensamento por meio da caoticidade dos deslizamentos rizomáticos.

## Referências

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

NEGRI, Antonio. **Exílio**. São Paulo: Iluminuras, 2001.